

UM POUCO DE ARQUEOLOGIA, HISTÓRIA E DE LEVANTAMENTO DE PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MACAÉ - RJ

II – Síntese das Pesquisas Arqueológicas

O Instituto de Arqueologia Brasileira efetivou pesquisas arqueológicas na região de Macaé integradas em três Programas Coordenados ao longo do tempo.

1 – Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Sob o patrocínio da Smithsonian Institution, do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Museu Paraense Emílio Goeldi, durante o segundo ano de atividades, entre 1966 e 1967 foi pesquisado um total de oito sítios arqueológicos assim caracterizados:

Quatro sambaquis, ou sejam, antigos acúmulos de material conchífero, atualmente considerados como construções intencionais dos antigos habitantes pré-históricos e que comprovam a presença humana há pelo menos 3.000 anos na região. São eles:

O Sambaqui do Ury foi localizado em 17/09/1967, na estrada que vai para Virgem Santa, 2 km em reta, a 500 m do rio Macaé.

O Sambaqui da Aroeira de São Jorge foi localizado em 27/09/1967, na estrada para Glicério, no Bairro Aroeira de São Jorge a 2 km de Macaé.

O Sambaqui das Marrecas foi localizado na Fazenda das Marrecas- 10 km da Usina Santo Amaro, próximo a um curral- campo com partes alagadas.

O Sambaqui dos Marimbondos foi localizado em 27/09/1967, na estrada para Glicério, numa curva a 3 km de Macaé.

Quatro sítios com cerâmica, sendo dois pré-históricos e dois já inseridos no período colonial. São eles:

O Sítio Carapebus foi identificado em 28/09/1967 na ponta direita extrema da Lagoa Carapebus onde a tradição diz existir um antigo hospital. Canto da igreja.

O Sítio Fazenda Içara foi localizado em 23/10/1967, no Distrito de Carapebus - 4 km – Proprietário da fazenda: Geraldo Ribeiro Ataíde.

Estes dois sítios forneceram material cerâmico miscigenado, definindo a presença de habitantes produtores de cerâmica da Tradição Neo-brasileira, da Fase Içara.

O Sítio Sacarrão foi descoberto em 25/10/1967 na localidade de Sacarrão. Proprietário: Valcrídio Bernardino Júnior.

O Sítio Rio do Meio foi achado na mesma propriedade e no mesmo dia.

Ambos os sítios vinculados a povos da Tradição Tupiguarani, Fase Itabapoana.

2 – Programa Litoral Fluminense – por este Programa, próprio do IAB, com patrocínio do CNPq, FAPERJ e Prefeituras locais, no ano de 1975 foram localizados dois sambaquis.

O Sambaqui do Curral foi descoberto na Fazenda Praxedes em setembro daquele ano a 150 m da estrada para Glicério até a linha férrea.

O Sambaqui do Glicério foi identificado a 1 km do Sambaqui do Curral, à beira da estrada para Glicério – Família Lacerda Agostini – mesmo mês.

3 - Programa Saltcam - Levantamento e Resgate do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Pré-Histórico sob a influência da LT 345Kv – Macaé-Campos III, 2005

Este Programa de salvamento foi patrocinado pela empresa Furnas Centrais Elétricas S/A. As pesquisas arqueológicas, ainda em função da legislação, anexaram-se às atividades de Valorização do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental, materializadas pelo Projeto de Educação Patrimonial realizado na cidade de Conceição de Macabu. Este Programa, pois, constituiu-se de dois Projetos Integrados, um dedicado à Arqueologia e outro à Educação Patrimonial. O Levantamento do Patrimônio Material e Imaterial foi contemplado pelo Projeto referente à LT 138kv – Anta Simplício-Rocha Leão.

Em função deste Programa foram trabalhados dois sítios, abaixo descritos:

Sítio Sapê – Fazenda Fazendinha – acesso pela BR 101 por estrada de terra cerca de 2.5 km distante – Administrador, Sr. Delci Carvalho – Mencionou ter encontrado nos fundos da Residência da administração, cacos de vidro e cerâmica. A coleta de superfície revelou a existência de fragmentos de faiança inglesa, (Blue Edge e outra com marca do fabricante *Thomas Hughes & Son*), fundos de garrafa do Século XIX e alguns fragmentos de telha colonial. Material de superfície e em uma parede formada pela erosão do morro.

As sondagens efetuadas partiram do local onde existe um alicerce, incluindo seu entorno de cerca de um metro e meio. Todas as evidências apontaram se tratar de obra recente, mas cabe ressaltar que os exemplos da cultura material, recolhidos na superfície fora da estrutura, constitui uma coleção arqueológica eloquente, levando-se em consideração que, provavelmente, esse material fez parte da tralha doméstica deste local e que foi descartado como lixo. Entre os exemplos pode-se citar o fundo de uma sopeira com a marca do fabricante, quase inteira, resgatada na encosta do morro erodido, entre outros.



Sítio Angelito – Trata-se de restos de estruturas complexas, situadas na base de uma formação rochosa otimizando, desta forma, além de sua proteção, a captação de água de uma pequena cachoeira, e próximo da matéria-prima principal da construção (pedras). Situa-se próximo a três importantes rios: Macaé, São Pedro e Aduelas (por ordem de proximidade), em área de mata atlântica, ainda com a presença de abundante fauna e flora local. O proprietário, Sr. Arley, acredita que o sítio se refira à antiga sede da Fazenda

Arrozal, nome antigo da Fazenda Santa Rita. Ele a adquiriu no ano 2000 do proprietário anterior, Dr. Jacob, que a comprara em 1929.

Foram pesquisadas três áreas principais: Na primeira área indicada por um guia local, onde, segundo o mesmo, haviam fragmentos cerâmicos, não se encontrou vestígios. Também ao pé de uma jaqueira, foram recolhidos fragmentos de tijolo maciço, de telha colonial, um exemplar de cachimbo cerâmico (fragmentado) e uma ferradura, sem indícios de estrutura construtiva (coordenadas UTM: 24 K 0.203518 – 7527339).

Na segunda, nos limites de uma reserva de mata atlântica, intensamente percorrida, e onde foram executadas sondagens em diversos pontos, também nada foi registrado (coordenadas UTM: 24K 0204384 – UTM 7528258 e 24K 0204604 – UTM 7528339).

A terceira e última área investigada foi indicada pelo guia, Sr. Denílson, onde segundo ele, existiriam “ruínas da época dos escravos”, informação que foi confirmada, pelos remanescentes arquitetônicos encontrados (**Coordenadas UTM: 24 k 0201860 – UTM 7529603**).

Remanescentes arquitetônicos: três estruturas de alvenaria de pedras irregulares e, em menor quantidade, de cantaria. Por ordem de descrição as duas primeiras estruturas se referem a remanescentes de paredes rejuntadas por argamassa de argila e revestidas por argamassa de argila e material conchífero (*Anomalocardia Brasiliana*, sobretudo) e a terceira, a um sistema de drenagem de águas fluviais e pluviais, em forma de canaletas.



Devido ao abandono da área, hoje em pasto, a ação da natureza tem sido implacável para a conservação dos remanescentes arquitetônicos: fortes raízes de árvores de grande porte envolvem as estruturas, contribuindo para seu desmoronamento progressivo. Some-se a ação destrutiva do gado pisoteando o solo, arruinando as estruturas hídricas e derrubando as paredes ainda de pé.

No que concerne ao padrão técnico-construtivo das duas estruturas documentadas, pode-se inferir que foram executadas em alvenaria de pedras irregulares, de dimensões variadas, grandes, médias e pequenas. As grandes têm em média 60 centímetros de comprimento, quarenta de largura e igual espessura. As médias, (20x12x20) e as

pequenas, que são cunhas inseridas entre as maiores, em média dez centímetros de comprimento, sendo apropriadas para o preenchimento de vazios.

Alguns blocos ou lajes de cantaria foram também registrados, com o padrão dimensional de 60x30x10 cm. Tantas as pedras irregulares quanto as de cantaria foram rejuntadas por argamassa de argila e areia e revestidas com argamassa de argila, areia e material conchífero.



Considerando-se as estruturas resgatadas e o sistema hídrico encontrado, isto é, prédios ou cômodos de paredes fortes e resistentes, com setores contendo tanques ou caixas d'água construídas de tijolos ou pedra e forradas com o mesmo material, é possível que se trate de uma fábrica de anil (anil é uma planta arbustiva que fora utilizada para produção de tintura vegetal até o surgimento das anelinas artificiais). Esta manufatura foi incentivada durante o governo do Marquês do Lavradio, no século XVIII, que proporcionou vantagens e comércio para os produtores. Com o declínio do interesse da Coroa, as fábricas entraram em decadência e é possível que outro tipo de produto tenha sido introduzido no local, fosse a cana, ou, mais tarde, o café, até a situação atual de abandono das estruturas, seu domínio pela mata e a preservação de uma grande área de pasto, para a criação de gado vacum.

Com o encerramento dos trabalhos no sítio Angilito, completou-se o projeto de arqueologia proposto para a área determinada em Macaé.

Equipes de pesquisadores de outras instituições/empresas também realizaram pesquisas no Município de Macaé e localizaram outros sítios. De acordo com o CNSA – Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do IPHAN são eles: Sítio Tupiguarani de Jurubatiba; Sambaqui da Ilha de Santana (onde estariam preservadas as evidências de sambaquianos até o Século XVII); Sítio da Jaqueira; Sítio dos Quarenta; Sítio Cabiúnas 2; Sítio Cabiúnas III; Sítio Cabiunas 1; Sítio Sambaqui do Rogério; Sítio Sambaqui da Vila nova e Sítio Sambaqui de Imbetiba.

III – Síntese do Levantamento do Patrimônio Imaterial

No Município de Macaé a pesquisa de Patrimônio Imaterial tece princípio na consulta aos documentos da Biblioteca Municipal e também aquelas localizadas nos distritos da região serrana por onde passa a LT. Os distritos identificados e pesquisados foram: Córrego do Ouro, Glicério e Frade.



Macaé



Córrego do Ouro



Glicério

Complementando os dados históricos gerais expostos na Introdução deste texto, vale incluir que a pesquisa efetivada em campo quando da execução do terceiro Programa citado acima, indicou que foram os índios que habitavam a região quem lhe deram o nome de Macaé referindo-se a doçura do coco da Macaba, (maca-e que significa coco – doce), sendo esta uma palmeira muito comum na região no período colonial.

Seu povoamento se deu quando Gaspar de Souza ordenado pelo governo Espanhol, na época do domínio deste sobre Portugal, estabeleceu por volta do ano de 1615 o aldeamento de cerca de 200 índios goitacás oriundos da região de Campos para estabelecer o povoamento da região. Esta aldeia foi estabelecida próxima ao rio Macaé e do mar sob o comando de Domingos Leal.

De lá até os dias atuais, a cidade e seus distritos foram amplamente modificados gerando histórias das mais diversas. Sua cultura imaterial, apesar da pouca divulgação, é bastante interessante, constando de muitas lendas, lugares significativos, modos de fazer e celebrações bastante peculiares dentro da região. Como parte da estratégia da pesquisa de Levantamento de Patrimônio Imaterial, na primeira fase se tentou desvendar Macaé não somente pelos documentos secundários, mas também e principalmente, pelas “lembranças” ainda restantes na memória de antigos moradores que apontam para os vestígios da cultura imaterial as quais ainda resistem no local até o presente.

Assim sendo, foi feito o levantamento sobre os principais itens da cultura imaterial na região por onde cruza a linha de transmissão com a finalidade de resgatar dados primários sobre os Saberes (culinária, artesanato, ofícios) dessas populações, assim como suas Formas de Expressão nas artes, na música, na poesia, bem como suas Celebrações (ritos religiosos, celebrações festivas) e Lugares singulares desta terra tão importante pela sua diversidade de colonização.

Ao longo de mais de 120 km, esta linha de transmissão tangencia vários ambientes e, ao percorrê-los, a equipe do IAB buscou, na população de cada um de seus lugarejos, a cultura mais enraizada em seu cotidiano. Procurou identificar, resgatar e selecionar a informação dos itens de forma cuidadosa para que este trabalho viesse a ter a “feição” de cada lugar. Seguem os resultados da pesquisa realizada em Macaé:

1 – Celebrações Religiosas

Nossa Senhora de Santanna - Sua igreja erigida em 1630 está localizada no topo do Morro de Santanna e sua festa é uma das mais concorridas. O dia da padroeira é comemorado em 26 de julho com procissão e quermesse;

São João Batista - Santo padroeiro de Macaé é celebrado no dia 23 de junho com festas, quadrilhas, missas, alvorada e procissão;

São Pedro – Celebrado no dia 29 de junho por pescadores que organizam e participam de uma tradicional procissão marítima enfeitando barcos para saírem ao mar a partir do mercado municipal de peixes. Este ritual de cunho religioso é uma forma da gente de Macaé reverenciar o mar do qual sempre dependeram tanto.

Santo Antônio - Na região serrana de Macaé já no Distrito de Glicério (sinônimo de trapiche com óleo) acontece há mais de cem anos uma festa em homenagem a Santo Antônio. Esta é sempre celebrada com muitas barracas e missas.

Nossa Senhora da Conceição - No distrito do Frade acontece a celebração em homenagem a Nossa Senhora da Conceição no dia 8 de dezembro. A igreja foi fundada por padres jesuítas e está localizada no centro do distrito.

Nossa Senhora das Neves - No distrito de Córrego do Ouro acontece a celebração em homenagem a Nossa Senhora das Neves realizada no dia 5 de agosto, bastante prestigiada pelos moradores da região.

2 - Outras Festividades

Festas de 1º de maio - organizadas pelos trabalhadores das oficinas da Estrada de Ferro Leopoldina marcaram a época áurea da vida social da região no fim do século XIX, mas com a decadência da rede ferroviária só restaram as lembranças e antigas fotos.

Carnaval - Bois pintadinhos - A região possui forte tradição carnavalesca desde o século XIX nas ruas e clubes da cidade e nos distritos. Na região serrana, no distrito de Frade acontece o mais tradicional carnaval da região iniciando com os *bois pintadinhos* (manifestação cultural) e o enterro dos ossos ou do boi na quarta-feira de cinzas. É uma manifestação cultural de origem africana e regionalizada em Macaé onde grupo de foliões formam blocos, tendo como elemento principal uma alegoria em forma de boi, movimentada por pessoas, decorada com temas diversos e desfilam pelas ruas da cidade ao ritmo de músicas carnavalescas.



Igreja de Santo Antônio



Igreja do Frade



Boi Pintadinho

3 – Formas de Expressão

As Lendas - Macaé possui várias lendas que permeiam a imaginação de seus moradores. Por muitos anos persistem algumas bastantes conhecidas. Outras nem são tão antigas, mas mesmo assim seus mistérios continuam despertando a curiosidade de sua gente. Entre essas se destacam:

A “praga” de Mota Coqueiro – Esta se refere a um personagem da região que foi condenado à forca (o último do Brasil) e que se dizia inocente. Diz a lenda que no seu último momento de vida rogou uma praga à cidade de Macaé. Esta sofreria 100 (cem) anos de decadência. Coincidência ou não este período de atraso aconteceu e só terminou 100 anos depois com a descoberta de poços de petróleo no litoral em meados da década de 1970 no século passado.

A imagem de Santana – Contam que a imagem da santa foi encontrada na ilha e levada para o continente. Mas que, sem mais nem menos, desaparecia e voltava a ser encontrada na ilha. Resolveram então mudar a porta principal da igreja para o lado oeste, não sendo possível assim que “ela visse” o mar. Mas mesmo assim a imagem desapareceu na década de 1990 e nunca mais foi vista.

O córrego do Ouro – sedimentos de minerais sem valor, de cor dourada, carregados pela água levou a população a denominá-lo como tal por acreditarem ali *brotar ouro*. Esta lenda acabou por dar origem ao nome do distrito de Córrego do Ouro na região serrana, onde ele nasce.

Mãe do Ouro – dizem ser algo em forma de tocha de fogo que passeia pelas montanhas da região serrana de Macaé e protege os locais onde “há ouro”.

O Solar do Barão de Povoá – trata-se de um antigo casarão *assombrado* em que os donos moraram por pouco tempo e todos os que passavam a noite por lá sentiam seus “efeitos”.

A Biquinha do Amor em Glicério, a Porca de Tamancos e João Girá também são lendas locais.

4 – Saberes e Fazeres (Ofícios)

4.1 - A Culinária

A culinária macaense não se apresenta muito diferente das demais da região serrana, porém no distrito de Glicério, diretamente impactado pelo empreendimento, identificamos, em pesquisa junto à comunidade, as seguintes especiarias:

Paçoca de banana (angú de banana) - feita com banana verde e temperos é uma comida salgada preparada com alho, sal e azeite. Trata-se de um prato tradicional da região rural empregado antigamente como alimentação alternativa em épocas difíceis. Atualmente apenas os mais jovens o apreciam, sendo rejeitado pelos mais idosos por remetê-los aos tempos de dificuldades.

Festival do Aipim – na região da Serra da Cruz, grande produtora de aipim, se produz diversas receitas a partir dessa raiz. Estas são bastante apreciadas pelos moradores e visitantes quando vendidas em barracas numa festa que acontece no mês de agosto em forma de festival.

Chouriço – muito apreciado na região é uma iguaria feita com miúdos dos porcos criados pelos moradores locais. Apresenta os mesmos ingredientes e modo de preparo dos feitos em outras regiões.



4.2 - O Artesanato

Uma curiosidade local é a produção artesanal de um veículo automotor, bastante utilizado na região serrana, conhecido como “*aranha*” e patenteado como “MUD BUG” ou inseto da lama.

Atualmente produzido por Alan Kardec Hotz, em Glicério, este veículo utiliza os chassis de automóveis dos tipos fusca ou Brasília e surgiu da necessidade de seu pai levar materiais de construção até o sítio que compraram no alto da serra, portanto de difícil acesso e os veículos comuns da época não o atendia. Foi então que seu irmão, Joaquim Hotz, construiu a primeira *aranha* em 1986 para suprir esta necessidade a partir do chassi de um velho fusca. Em 2004 surgiu novamente a necessidade de um veículo especial então o jovem Alan se lembrou da velha aranha e resolveu fabricar outra em casa. O bom funcionamento e a alta utilidade estimularam os moradores da região a adquiri-lo o que deu início à fabricação das várias unidades que circulam pelas ruas dos distritos serranos de Macaé, tornando-se um veículo amplamente utilizado na região. Desde sua recriação foi aperfeiçoado ao longo do tempo e já havia sido produzido até a data de levantamento desta pesquisa cerca de 70 unidades. Alan produz o “Mud Bug” em sua oficina ao lado de sua casa e ainda vende peças de reposição aos proprietários. O curioso é que não se encontra nenhuma dessas aranhas usadas para vender, o que se deduz que seus proprietários devem estar satisfeitos com a aquisição.



5 - Lugares

Alguns lugares em Macaé funcionam até hoje como verdadeiros pilares de memória coletiva e referências de identidade para seus habitantes, são eles:

- O arquipélago de Santanna;
- O rio Macaé;
- A enseada de Imbetiba;
- O pico do Frade;
- As cachoeiras da região serrana;

A rua direita ou da praia.

IV – Conclusão

Este resumo serve para demonstrar a riqueza desta região que se alonga do litoral atlântico, com sua conhecida Ilha de Santana, até as bases das montanhas do maciço da Serra do Mar, com seu “mar de morros” tão característico do relevo fluminense e serra acima, com todas as suas imponentes montanhas. Povoada desde há alguns milhares de anos atrás preserva sítios que atestam a presença destes antigos povoadores pré-históricos, construtores de maciças elevações onde predominam, como material de base, as conchas marinhas e onde ficaram demarcadas suas sepulturas, seus locais de habitação e oficinas de fabrico de artefatos.

Preserva também locais de vida de tribos ceramistas, com suas urnas e artefatos de pedra; pontos onde tanto conviveram populações subalternas, que produziram a cerâmica neo-brasileira, como também as fazendas e engenhos senhoriais dos dominantes. A tudo isto se somando tanto a variedade e a beleza do meio-ambiente quanto a riqueza dos usos e costumes preservados através das gerações, comprovando o respeito e a preservação do sentido de ancestralidade, as vezes tão pouco considerado em outros locais.

Mas esta riqueza aponta também para a necessidade de serem efetivadas novas pesquisas, que expliquem, por exemplo, onde estão os sítios que guardam as provas da presença dos indígenas das montanhas, ou sejam, aqueles que desenvolveram a Tradição Una, com sítios tão ricos em Santa Maria Madalena, ou mesmo, mais próximo, em Bom Jardim? Historicamente seriam os Guarus, os Coroados e até mesmo os Goitacás, tão citados na documentação cartorial e dos cronistas. Onde estão, também, os locais que preservam dados da presença da rica Tradição Itaipu litorânea, resquícios dos primeiros horticultores cujos locais de habitação se estendem de Iguaba a Rio das Ostras?

De fato, muito já se conhece, mas muito ainda falta a ser descoberto, incentivando a pesquisa e aguardando que esta mostra desperte o interesse da população e das autoridades competentes.